

Um grão de arroz. Por Juliana Fernandes Gontijo.

Tudo o que Cassiano queria era ficar quieto em casa naquele dia. Não era ócio, apenas ficar em casa. No entanto, era preciso trabalhar.

Se não fosse, perdia o cachê do dia. Ele era um dos três atores que se revezavam na ópera “Jorgen Soren III: do apogeu à decadência” com duração de 3 horas e 30 minutos. A história se passava em um reino ao norte da Dinamarca, no final do século XVI.

A produção exigia que cada ator fizesse o mesmo personagem por cerca de 70 minutos para eles não se cansarem excessivamente durante a apresentação. Cassiano, Eduardo e Lúcio faziam um rei dinamarquês que permanecia em cena praticamente toda a apresentação.

As trocas de cenários eram muito rápidas, porém grandes figurinos com certa dificuldade de manuseio desafiavam os contrarregras. Dentro da coxia, “era a conta” de uma troca rápida de roupa, pegar algum adereço, beber um pouco de água e partir para a próxima cena. Muitas vezes, três a quatro contrarregras ficavam à disposição dos atores para agilizar o trabalho nos bastidores. O diretor proibia conversas paralelas.

Aquele dia foi atípico. Eduardo precisara viajar de última hora, porque o pai sofrera uma queda no sítio onde morava. Existia uma grande possibilidade de AVC.

Lúcio pediu licença para apoiar a esposa, que tinha previsão de ganhar gêmeos naquele dia, à noite.

Assim, Cassiano deveria aguentar a barra sozinho. Era tudo ou nada!

No entanto, ele não estava bem, sentia muitas dores nas costas. Estava bastante pálido. O jeito era passar na urgência do hospital para saber o que estava acontecendo.

Após mais de 3 horas de espera no hospital, veio o resultado: um diagnóstico de cálculo renal.

A pedra estava se movimentando rapidamente.

— Vou prescrever uma medicação forte para o senhor, mas o ideal seria não trabalhar hoje. Eu te dou um atestado.

— Doutor, eu não posso! A sessão está lotada com 1500 pagantes. Meus dois colegas não podem estar no teatro hoje. Não há como cancelar a uma ópera de última hora.

— É um risco muito grande, Cassiano. Está disposto a corrê-lo?

— O meu primeiro diretor de teatro dizia: a gente só faz teatro com quem está no momento! Se estiver morrendo, vem assim mesmo e deixa para morrer no palco.

O médico riu do paciente:

— Você não pode estar falando sério.

— É a vida de artista, doutor. Se for para morrer, que seja no palco!

— Então, meu caro, boa sorte!

— Reze por mim, doutor. Espero muito não morrer participando de uma ópera.

— Com o cálculo renal, morrer você não vai. No entanto, há um risco de desmaio por dor.

O ator já saiu medicado do hospital. O remédio aplicado na veia fez efeito em menos de 30 minutos. Cassiano, porém, estava pálido e bastante preocupado com a situação.

A apresentação estava marcada para 19 horas. Ele chegou ao teatro às 16. Todos os colegas se assustaram ao vê-lo. Aquele homem esbelto, de 1 metro e 80, parecia um moribundo à beira de um colapso.

João Bravo, o diretor, perguntou com preocupação:

— Está tudo bem, Cassiano?

— Não! Não está! O médico até me ofereceu um atestado. O ideal seria cancelar o espetáculo, segundo ele.

— Como?

— Hoje, sim, eu preciso de muita coragem e força para entrar em cena.

— O que aconteceu?

— É uma pedra. Está movimentando rápido e fui parar no hospital hoje pela manhã. Estou à base de morfina. Muita tonteira. Logo hoje quando Eduardo e Lúcio não estão aqui!

— No rim?! Caramba! Mas você vai mesmo dar conta? Eu chamo Lúcio, se for preciso, ele vai entender. Os bebês já devem estar nascendo.

— Não há o que fazer! É um risco que vamos ter que correr.

— Foi muito azar acontecer justamente hoje. Mas vamos colocar nas mãos de Deus e de... São Shakespeare.

— João, eu tenho fé! Eu tenho fé! Eu tenho fé!

— Nós temos fé! Mas se não der certo... Vivo, você não sai daqui!

O ator percebeu a brincadeira sarcástica do diretor. Aquela decisão era muito séria e poderia colocar em xeque toda a produção. Cassiano procurou ficar mais quieto, sem muita movimentação, antes de entrar em cena. Vestiu o figurino da realeza. Enquanto aguardava pela maquiagem, as dores aumentavam. Tomou 2 comprimidos do medicamento de uma só vez.

Meia hora antes do início da apresentação, tocou o primeiro sinal. A ansiedade era como se fosse a primeira vez no palco. Isso aumentava ainda mais o incômodo que Cassiano sofria.

A equipe inteira estava preocupada. Naquele dia, toda a produção estava nas mãos de Cassiano, o Rei Jorgen Soren III. Ou melhor, nas suas costas, na altura de seu rim direito.

Terceiro sinal, vinheta da ópera.

Enquanto isso, toda a equipe atrás das cortinas fazia uma oração. Vibraram todos juntos, desejando boas e energias e, com microfones ainda desligados, gritaram:

— Um, dois, três e... mer-da! Vamos fazer um excelente espetáculo, porque é o que fazemos de melhor. Nosso público merece!

As cortinas se abriram. As duas primeiras horas da ópera transcorreram muito bem, mesmo sob alta tensão. No início do terceiro ato, a família Soren já havia entrado em decadência. Na cena em que transcorria o cortejo do pai Jorgen Soren II - destituído do trono - Cassiano não conseguiu conter as dores e, revirando o corpo, saiu de cena como se fosse um "tiro" de canhão. Os colegas se assustaram não somente com o fato, mas com os gritos de dor e "meu Deus", ouvidos pela plateia. O maestro foi avisado do problema. Era preciso maior atenção para possíveis improvisações.

Algumas pessoas falaram alto:

— Oh!

Mais burburinho vindo do público. Rapidamente, o microfone de Cassiano foi desligado, mas os atores ainda escutavam:

— Socorro, estou morrendo, não vou aguentar. É muita dor, ai, ai! Meu Deus, me ajuda!

No cortejo, todos os atores prosseguiram a cena, cantando um réquiem que precisou ser adiantado com a orquestra da apresentação. Era nítido, nos personagens, o assombro com os gritos de Cassiano. Os minutos passavam e ele não voltava à cena.

A situação ficou insustentável até que uma brilhante ideia de o diretor deu por finalizado o terceiro ato, para tentar contornar a situação.

João Bravo desceu até o palco e, numa rápida conversa com Cassiano, que ainda gritava no banheiro, resolveu finalizar a apresentação cortando várias cenas. Os atores improvisariam uma passagem de tempo e terminariam a ópera. Infelizmente, não havia outra solução. Depois, pediriam desculpas ao final por um motivo de doença. E, quem sabe, repetiriam a apresentação, gratuitamente.

Quando novamente as cortinas se abriram e os atores já estavam se posicionando para a improvisação, Cassiano retorna ao palco, leve, como se nada houvesse acontecido. Ele estava apenas um pouco mais suado. Novamente, todos se assustaram, porém retomaram a história de Jorgen Soren III na íntegra.

Após 4 horas de ópera, com o fechamento e reabertura das cortinas, as palmas da plateia duraram quase 8 minutos. De pé, todos gritavam:

— Bravo, bravo! Esplêndido!

Cassiano estava aliviado, sem dores. Assustado, exausto, mas muito feliz. De dentro da bolsinha que guardava o microfone, ele tirou o seu troféu e mostrou aos colegas:

— Vejam isso, uma pedra do tamanho de um grão de arroz!

— E todo mundo pensou que você tivesse morrido, Cassiano! Que susto você passou na gente! E o que a gente iria fazer com você, defunto? Colocá-lo no caixão do Jorgen Soren II? — Brincou João Bravo.

A equipe toda caiu na gargalhada, mesmo não sendo uma hora exata para piadas sem graça, mas era um alívio que, no meio de tantas intempéries, aquela apresentação ainda tenha sido um grande sucesso e marcou de vez a história das apresentações de ópera na cidade!